

FRECUSSO

FUNDADOR: Roberto

ATUALIZAÇÃO: da grande parte

Júlia

Pedro

Tragédia-Comédia em 01 ato

RAFAEL TRINHA

1. ato

CENA - (Das sobre Roberto)

ROBERTO - Primeiro a história de trabalhar fora, mas até hoje nunca teve o prazer de se mostrar mais trabalhoso, tanto é que eu não sei mais onde trabalhar. Não, eu melhor, não sabia, agora estou começando a entender... Depois, é de tudo que não consigo. E com os estudos, viam os "trabalhos escolares", a escola fazia os exames de antigas que você nunca deixou ir junto ninguém que eu lá se chatear muito ficando sem fazer nada enquanto você fazia os trabalhos. E com essa história de trabalhos, você parava cada vez menos em casa. Mas o melhor aqui, nunca desconfiei de nada! É lógico, como é que eu ia desconfiar da minha "querida e fiel esposa"? Eu sou mesmo um bobão! Sempre acreditando em você, sem nunca pensar que você fosse capaz de fazer sequer um tempo de que certamente fez. E agora, além de tudo o que já fez, vou querer se enfiar na cabeça, esta história ridícula de esterilidade. Estéril... Estéril é o galheiro do teu pai, que deixou a sua mãe falar a sério para engravidar de uma vagabunda igual a você. Agora não vai que não tem... Não! (risadas semi-históricas) Eu não posso ser estéril... (fala como se estivesse cochando) Eu sempre fui um cara muito normal, ainda normalíssimo. A minha vida normal sempre foi muito ativa... Desde que eu estava com... Bem eu ver... Quando eu tinha cinco... Ah, sim! Eu estava com treze anos quando fugi da primeira vez. Quem me levou foi a velha, eu lembro até hoje... Um beldêzão de segunda... Mas até que por ser de segunda, as putas não eram más. Chegamos lá, não sei como, eu batente a machete na frente da velha, mas por dentro eu eu sei como estava... Quando fui pro quarto com a puta então, chegou a tremer. Deu uma vontade de desistir, mas acabei encorajado a barra. Ela de lá desconfiou ao extremo. Eu lia tanta coisa sobre sexo, as mais - res loucuras. Fiquei até empolgado... Achava que tinha alguma coisa errado consigo, afinal, eu não me satisfazia muito mais, de que consegui na primeira vez. Mas depois eu descobri que a primeira vez é sempre frustrante - quando se espera muito dela. E depois disso, eu nunca mais parei, e sempre fui feliz normalmente. Agora...

CENA - (Das sobre Júlia)

JÚLIA - Desde as esperanças que eu tive ao sair de casa acabaram-se. Eu sou - não que acidentalmente durante tanto tempo, acabaram-se quando a enfermeira disse que infelizmente os exames foram negativos e que eu não estava grávida. Ela disse infelizmente... Mas, eu tenho certeza, que ela não soube sobre a quantidade de infelicidade que uma notícia dessa carrega a certas pessoas. Foi só porque é mais fácil dizer "infelizmente"...

CENA - (Das sobre Pedro)

PEDRO - É lábio diagramado só. Ah! Que dor nas costas. Parecia até que não chegava mais. (olhando ao volta) Isso aqui é mais longe que a balança-de-água tem problema não, aqui eu vou continuar meus estudos... Melhorar de vida! (saída do público a uma sala e entrando em palco)

JÚLIA - (Um sobre Roberto e Júlia)

ROBERTO - E estão queridos?

JÚLIA - Nada!

ROBERTO - Como nada? (alarmado)

JÚLIA - É isto mesmo que você queria, nada! O senhor deu em nada, eu não sei - sou grávida.

ROBERTO - Mas já faz mais de um ano que você parou de tomar os anticoncepcionais, já era para estar grávida!

JÚLIA - (agressiva) Mas não estou! Que interesse você tem que eu tenha ou que eu não tenha?

ROBERTO - Não estou dizendo que você tenha ou deixe de ter interesse em mim. Pode ser apenas que os exames estejam errados!

JÚLIA - (sarcástica) Deixei exames errados, era Roberto, só se põe ao pé no chão e para de contar! Será que você não vê que não existe uma única possibilidade de que todos os exames estejam errados?

ROBERTO - Por que não? Como você pode afirmar com tanta certeza, que todos os exames não estão errados? É lógico que existe uma possibilidade que eles estejam errados, você é que parece não querer acreditar nesta possibilidade por alguma razão que eu não consigo adivinhar...Isso existe outra explicação? Melhor para isto? Talvez diga.

JÚLIA - Você sabe muito bem que há outra explicação Roberto. Quando é que você vai resolver tomar coragem e encarar os fatos como eles realmente são?

ROBERTO - Eu não sei qual é a sua realidade, e muito menos que fatos são esses que você insiste em querer que eu veja mesmo não sabendo quais são.

JÚLIA - Roberto...Roberto...Meu querido e covarde Roberto...Deitas de galha-pau! Você sabe muito bem que fatos deve ver e não quer! A realidade é que um de nós dois é estéril, e não adianta querer continuar tentando negar isso!

ROBERTO - Não pode ser! Isso é impossível! Eu sei que existe outra alternativa, existe algo errado nisso tudo.

JÚLIA - É lógico, eu devia ter imaginado. Você nunca iria aceitar e encarar a verdade de frente. Você vem fazendo isso desde que nós casamos, e agora não iria ser diferente.

ROBERTO - Isto não é verdade!

JÚLIA - Não!... (espera uma negativa que Roberto não tem coragem de dar) Você disse que algo deve estar errado não é? E está errado sim, dentro de nós e talvez possa ser mudado.

ROBERTO - Quem está dizendo isso é você, não tem nada que prove e que está falando. Creio que nem mesmo você acredita nisso tudo. Se é que é que você está falando é real, apresenta provas. Tamos, onde estão as provas?

JÚLIA - Você ainda tem coragem de pedir provas? Então quer algo de mais segredo do que eu estar tanto tempo sem fazer nada para evitar filhos, e ainda não ter engravidado?heim Roberto? Responda!

ROBERTO - Sei lá. Deve haver uma explicação melhor...É tão simples assim! Será que uma pessoa simplesmente é estéril e acabou? Não, não pode...isto não é justo...isto é desumano!

JÚLIA - É desde quando a vida é justa e humana? A vida simplesmente é o que é, e nada tem a ver com justiça ou injustiça, humanidade ou desumanidade... Se fosse assim, não haveriam tantas outras coisas erradas no mundo. A vida simplesmente é!

ROBERTO - Isto é um absurdo! Como é que numa situação desta, você ainda pode vir com filosofia barata, sabendo que um de nós dois pode ser estéril?

JÚLIA - (brusca) Eu já fui o exame de esterilidade!

ROBERTO - Foi? E daí? Qual foi o resultado? Porque você ficou enrolando até agora? Por que não falou antes?

JÚLIA - Sem Roberto, eu...

ROBERTO - Vá, vá! Se você é estéril eu sei bem compreender. Não tenha medo, afinal, o que conta do momento ao não houverem concepção entre o casal? Fale, vá! Eu estou ao seu lado para te ajudar...

JÚLIA - Roberto, eu agradeço a sua compreensão, mas é que...hem...O problema não é comigo.

ROBERTO - É que você está querendo dizer aos laos?

JÚLIA - Eu tenho os exames que eu fiz, os resultados constatarem que eu sou fértil. Que meu organismo não tem problema algum neste sentido. E...Eu sou fértil, o problema só pode ser com você. (Silêncio desta afirmativa.) Roberto fica abotado em casa, e ela sem parar continua a falar! Mas eu já estava falando com o médico, procurando uma solução, e ele me disse que o problema não pode ser tão grave assim, que a medicina está fazendo vários testes milagres no campo genético, hoje em dia, e praticamente todos os casos de esterilidade são curáveis. Agora Roberto, não vai...(Ela se senta) que ele não veio de que ela falou!

ROBERTO - (estoura) Bastou! Hipócrita! Você é o "falepê" do médico que disse que eu não sou normal! Não todos mentiram!!! Eu sou muito normal, eu vi! Você está mentando!!! (sarcástico) O que você pensa fazer? Assim? Você está pensando que junto com este "medicamento de curar" vai conseguir se divertir? Você está muito enganado! O que você faz para ele dizer que eu sou estéril hein? Ah! Não precisa nem responder que eu já sei...

JÚLIA - É que você está insistindo com isso Roberto?

ROBERTO - Eu não estou insistindo nada, mas...Ele é um de traseira, não hein? (sarcástico) Agora que não é melhor que eu, eu é?

JÚLIA - Roberto, pare com isso imediatamente!

ROBERTO - Foi no consultório mesmo, eu fiz e a algum mês?

JÚLIA - Pare com isso eu já disse! O Dr. Mário é um homem muito direito, e eu não vou admitir que fale dele dessa forma!

ROBERTO - (gostoso) Hum...Já começa a defender o doutorinho. (arrumando) "O Dr. Mário é um homem muito direito e..." (risadas em voz baixa) Ora! vá, vá...Não parar de representar! Não vai querer que eu acredite, que quando está com ele na cama, também o chama de doutor, vai?

JÚLIA - Se você não parar agora mesmo de falar tanta besteira, eu vou já embora de casa!

ROBERTO - Vai? Vai? Vá! Vá! Vá! Você vai para onde? Vai pedir abrigo no doutorinho? Vá! (gritando) A muito tempo que você está querendo fugir! Isso não é? Fugiu que eu já não tinha percebido suas deslealdades? E ainda vem querer me enganar na cama que eu sou estéril? Estéril é você! Eu sou muito normal viu! Normal! Normal! Normal... (grito e primeira vez depois) vai diminuindo o volume de voz gradativamente, até cair em choro convulsivo)

CELA - (luz sobre Pedro)

PEDRO - Na cidadezinha aqui e que nada mesmo é documento. Eu pedi os documentos na reitoria, aqui na portaria do hotel...Quer saber? Aqui! pr'esses lados, eu acho que se a pessoa não tem documentos, ela não existe. (virando de sala uma caixa e trancando)

CELA - (luz sobre Roberto e Júlia)

JÚLIA - Calma Roberto...Acalme-se. Não adianta desesperar-se. Não julgue como definitivo o que está acontecendo.

ROBERTO - Você não tem vergonha? Depois de tudo o que eu lhe falei sem que eu me senta ter sido argumentos para se defender, ainda vem falar comigo!

JÚLIA - Sim, eu vou falar. Porque sei que não vou mesmo acreditar no que falou. E eu não me defendi, não foi por falta de argumentos, mas sim, porque eu estava em que você estava, não adiantava falar nada. O melhor que eu tinha a fazer, era deixar você desabafar. E agora vá se acalme por favor...Você disse que não acredita em mim, mas o que eu falei é a pura realidade. Porque você não vai fazer o exame? Porque que tem medo de que possa

descobrir? Mas agora, e que quer que far descoberto, não irá fazer diferença. Fala mesmo nas mulheres desta incerteza em que estamos. E ainda de mais parece que você não se conta antes, mas atualmente a maioria dos casos de esterilidade são curáveis, e quanto antes fazem descobertas, melhor para a mulher.

ROBERTO - Eu já disse que sou normal, e não vou fazer nada de errado nenhum.

JÚLIA - Roberto, não dificulte as coisas mais do que já estão difíceis. Se você quiser, eu vou com você e faço os exames novamente. Assim, se os seus exames estiverem errados e for eu a estéril, não faremos o que se pode fazer.

ROBERTO - E de que vai adiantar?

JÚLIA - Você está ficando irritante com essa impertinência!

ROBERTO - Ah! Quer dizer que eu agora sou impertinente? Incoerente, você? Vou me dizer que eu sou estéril e mais uma porção de bobagens, e eu é que sou impertinente.

JÚLIA - Eu estou procurando ajudar, e você não admite, pensa que estou que sendo prejudicada. Fala besteira cada vez que abre a boca. Dá as mulheres assimas que um homem pode dizer a sua esposa e...

ROBERTO - E é que você queria que eu fizesse, depois de chegar a me dizer que sou um tolo que não pode ter filhos?

JÚLIA - Eu não disse isso!

ROBERTO - Com estas palavras exatamente não. Mas o que disse não é mais que isso.

JÚLIA - O que eu disse, é que já tinha feito os exames, e que sou fértil, portanto, e estéril deve ser você. Mas disse também, e parece que você não se conta que a maioria dos casos são curáveis. Que existem tratamentos que te eficazes.

CELA - (Luz sobre Pedro)

PEDRO - É, eu tenho que achar um quarto para morar. O hotel não dá não. (vendo Júlia) Por favor, eu sou novo por aqui, e embora não seja eu dizer por acaso, onde eu posso encontrar um quarto para alugar?

JÚLIA - Alugar um quarto? Você vai de onde?

PEDRO - De interior. Vim para estudar.

JÚLIA - (pensa por instantes) Que coincidência! Eu mesma tenho um quarto escondido na minha casa e posso alugar.

PEDRO - E quanto a mulher, tá pedindo?

JÚLIA - Depois a gente conversa isso, vai ser barato. Eu gosto de você, tá se estão suas coisas?

PEDRO - Tão e um hotelzinho aqui perto.

JÚLIA - Então vamos logo lá para pagar.

CELA - (Luz sobre Roberto e Júlia)

ROBERTO - (surdete) É, realmente, doenças progressivas da medicina. Já se sabe que estou evitando você falar "a medicina está fazendo verdadeiras milagres". Que nada! Milagres hoje em dia eu sei que até Deus desistiu de fazer.

JÚLIA - Deixei de falar besteiras Roberto!

ROBERTO - Besteiras? Besteiras foi o que aquele médico disse. (arrumando de o médico) "Deixar Roberto, eu sei muito. O senhor tem problemas sérios o homem normal, deve ter uma média de 50 milhões de espermatozoides por centímetro cúbico. De seu caso por lá, apesar de saber ter os espermatozoides na média correta, eles encontram-se mortos, e neste caso, não há cura! Ah! O grande papilhão, e ainda teve a tolice de querer dar opinião na sua vida. "Adotei uma criança, eu então recorreu à inseminação artificial", e então a filha tá desajuda". Paliagem!

JÚLIA - Roberto, não fique tão revoltado, ele só quis ajudar.

ROBERTO - Ajudar?...Ajuda deste tipo, eu disponho. Ele que vá ajudar a si mesmo e satisfazer pela que o pariu!

JÚLIA - Deixa de ser estúpido. E além de mais, você passou bem ao que ele disse?...Eu pensei, e acho que a inseminação artificial não é má coisa. O que você acha Roberto? Já passou os seus barbaquinhos esperando o seu filho?

ROBERTO - "Bom", não. De você ficar láso, vai ser "seu filho", e não meu. Além de mais, eu acho essa coisa ridícula.

JÚLIA - Porquê?

ROBERTO - Ora por quê ainda pergunta? Vê se tem graça, você grávida sem eu ter participado. Esperando filho de outro homem.

JÚLIA - Deixa de ser bobo, você não corta e que o médico fale? Existem bancos de espermatozoides, não tem ficamos sabendo de quem é...

ROBERTO - De uma coisa eu sei, não é meu, e isso me basta. Como é que você acha que eu vou conseguir criar um filho que eu sei que é só teu. De far nada, eu prefiro criar uma criança, pelo menos, com eu sei que não é de nenhum de nós dois. Quem sabe assim eu consigo mudá-la.

JÚLIA - Você não percebe o quanto está sendo egoísta? Não vê que toda a mulher gosta de ficar grávida, ser mãe? E você tá querendo se negar isso?

ROBERTO - Eu sei disso, eu não estou querendo negar nada, eu vou quer da - ser inseminação, faga.

JÚLIA - (alargo, pensando que ele concordou) Então você aceita?

ROBERTO - Não, eu já falei que não aceito. Mas se você quiser fazer, eu não posso impedir. De qualquer modo, não vou aceitar, eu não pretendo ser pai nestas condições.

JÚLIA - Espere! Com isso você está profanando. Eu vou pensar, que eu vou colocar no mundo uma criança sem pai? Ora Roberto, já bastam as que não tem!

ROBERTO - Isso é um problema único e exclusivamente seu. Agora, pensando bem, se você quiser criar uma criança, eu aceito.

JÚLIA - Para quem não quer ter um filho que seja só de sua esposa, esta de ainda me surpreendo.

ROBERTO - Eu não aceito o que você acabou de falar, é diferente, eu já sei porque. Agora, a questão da adoção é diferente, não são teríamos esse problema, e ainda por cima, estaríamos prestando um bom social. Você já imaginou, os filhos de leve, quantas crianças sofrem por falta de uma família, de uma casa onde possam se sentir ao abrigo do frio? Ter comida para matar sua fome? Quantos que não se tornam marginais simplesmente ao serem presos após terem roubado algo para comer? Tudo menos, não dáíamos um lar a alguma criança que tenha saído com a triste sina da miséria.

JÚLIA - Desde quando você virou filósofo humanista. (sarcástica)

ROBERTO - (asso) Bom caramba Júlia!

JÚLIA - E você acha que eu posso criar um filho sem carisma? Você diz que não se impede de realizar os sonhos que eu tenho desde menina, que é ter um filho, ser mãe. E depois, vem falar o humanista pra cima de mim, que vou explicar as misérias do mundo. Que eu saiba, elas existem desde que o mundo é mundo. Tem gente com muito mais condições do que eu para resolver tais problemas, e não fazem nada. Por que justamente eu vou ter que me sacrificar? Não, responde-me? Por que não?

ROBERTO - Não qual é o problema da humanista? É que as pessoas passam os seus dias. Antes de fazer algum bem às pessoas, passam tempo em querer explicar por que os que estão por cima e tem maior condições não fazem nada. É de não importa. O que importa, é o que "você" vai fazer. E se todos agirem assim por aí vamos sem perder tempo com comparações ridículas, e mundo estaria bem melhor.

JÚLIA - Muito fácil e óbvia esta sua maneira de pensar.

ROBERTO - Pelo contrário, muito difícil e incômodo, se não fosse assim, já lhe pensariam da mesma forma.

JÚLIA - Muito bem seu marido, isto tudo não importa. As crianças abandonadas que arruam e que comer e sede se abrigar, que eu não tenho nada a ver com isso. Tô lá se eu vou querer um projeto de marginal dentro de casa!

ROBERTO - Que é isso Júlia? As crianças não são marginais. Elas se tornam marginais com o decorrer do tempo e da miséria.

JÚLIA - Que nada, a marginalidade está no sangue. É hereditária. Você já devia dizer que pau que nasce torto nasce torto e não entristece!

ROBERTO - Isso é idiotez. Eu jamais pensei que você pudesse ser tão estúpida a ponto de pensar desta forma.

JÚLIA - E tem mais, se você não quer aceitar minha idéia de adoção, eu também não aceito essa idéia besta de adoção.

ROBERTO - Eu deveria saber que você é ignorante e fria demais para aceitar uma idéia tão sublime.

JÚLIA - Sublime? (Risadas)

ROBERTO - Sublime sua senhora! É que está acontecendo com você Júlia? Você não é assim... Sempre encara os problemas humanos com sensibilidade, aliás muito maior que a minha, e repentinamente você se deixa levar por reflexos estópicos e injustos.

JÚLIA - Injustos...Eu sou a injusta agora não é? E quem abandonou estas crianças? Não seriam estas pessoas as injustas?

ROBERTO - Muitas vezes a situação obriga os pais a fazerem isto. Se toma - um tal atitude pensam estar livrando seus filhos da fome, da miséria, da degradação...Outras vezes, também por culpa de uma sociedade laica e falsamente moralista, as mães, solteiras, tem que abandonar seus filhos - por poderes sobrevivem...

JÚLIA - Sua desculpa, isso sim. Se elas quisessem, criariam os filhos, fogem quando temem os sacrifícios a serem feitos...(procura os cigarros na bolsa) Se fosse eu...

ROBERTO - Espera de filho para procurar cigarro. Quanto você tá fumando por dia Júlia?

JÚLIA - Três maços, por quê? Como eu tava dizendo, se fosse eu...

ROBERTO - Você tá fumando demais, será que não dá pra diminuir não? Você sabe quanto está custando um maço de cigarros?

JÚLIA - Não era besta, eu sempre cigarro todo dia e não sei quanto está custando! Ora veja se deixa de fazer pergunta besta! Como eu disse...

ROBERTO - Besta, antes que eu te esqueça, é você e sua insignificante família!

JÚLIA - Que disse, já é a terceira vez que você me interrompe, quer fazer o favor de, pelo amor de Deus, me deixar falar!

ROBERTO - Que caridade, você é a única pessoa que eu conheço que consegue continuar Deus e diabo em uma só frase, atalando de morto.

JÚLIA - Então é a mãe!

ROBERTO - É não não! Não respeito, minha mãe era muito religiosa!

JÚLIA - Igualdade ao filho, lá na minha três vezes por ano: na piaça, no tal e nos nove...

ROBERTO - E não tá bom? Três vezes é mais do que suficiente, aliás, aliás, é melhor se pensar vezes do que nenhuma como você.

JÚLIA - Isso é uma questão de opinião, cada um vive a sua maneira, e não - guio tem nada a ver com a minha vida.

ROBERTO - Então de pleno acordo, só que não fica com essa frescura de "pela qual de Deus".

JÚLIA - Isso é apenas modo de falar.

ROBERTO - Quer saber de que modo, eu já estou de uma chate desde pago bagunça. Tá pra ficar com esse "expressões", e se deixa eu paz.

JÚLIA - Sabe qual seu defeito, "meu bom", você se chateia com muita facilidade.

ROBERTO - Não sabia eu já disso!

JÚLIA - (pensativa, começa a falar como que lembrando) Talvez...Faria por se sobre esbalarção...Desde quando voce é esbalar? E tem mais só se far esbalar que eu fiquei fria para voce, pois antigamente voce sempre se sabia muito quente, aliás, quentissimo.

ROBERTO - Chegou Júlia! Sabe o que eu sinto por voce agora? Suje...Isso mesmo, suje o dedo, pela sua ignorância, que aliás, é sinónimo de uma fadiga.

JÚLIA - Isso está, que sempre servia para voce sentir seus instintos, não é?

ROBERTO - Pois a partir de agora, fique sabendo, que o que eu sinto e vejo eu sinto por voce, o mesmo desejo que sinto por uma porta!

JÚLIA - Calando, eu voce vai acabar esbalarando o chão com o fustido deite?

CELA - (luz sobre Roberto, Júlia atende com Pedro)

ROBERTO - Que disse voce pensa que está fazendo?

Júlia - (sem dar atenção a Roberto) Entra, entra, a casa de agora eu diante vai ser sua.

ROBERTO - Ei! Voce não se devia não que disse voce está fazendo?

Júlia - Não é da sua conta. (fala ao rapaz) Entra, vamos entrando...Como é mesmo seu nome?

PIREO - (tímido) É Pedro.

Júlia - Ah! É mesmo! Desculpe, mas eu sou muito esquecida sabe.

ROBERTO - Ah! O nome é Pedro, E o que é que a boneca vai fazer aqui? Ou voce agora tá conseguindo a trazer seus frequentes para casa?

Júlia - Que eu saiba, a única boneca que tem aqui, é voce seu gigolô de 25 la pobre!

ROBERTO - E o que ele vai fazer aqui?

Júlia - É isso mesmo que voce devia. (dirigindo-se a Pedro que fica parado) Igua Pedro, pode entrar que ele sabe mas não sabe não. Coloque a mala ali naquela canto lá!

PIREO - Mas...Eu não quero causar problemas...

ROBERTO - Isso mesmo parvito, se manda que voce tá conseguindo causar proble...

PIREO - Mas então...(vai saindo)

Júlia - Isso é que não! Voce não vai sair não!

PIREO - Mas ele disse que eu tá causando problemas. (tímido ao extremo)

Júlia - Que problemas que nada! Voce fica!

ROBERTO - Sali!

Júlia - Fica! (nessa mais tempo, Pedro vai e vem como barata morta)

PIREO - Ei, voces não se matando, (para as bruxas)

ROBERTO - Eu já disse que ele vai sair e vai mesmo. (históricas)

Júlia - Escuta aqui o "lôco", quem é que trabalha aqui? Sou eu. Quem é que trabalha a casa? Eu. Quem é que te dá cigarros, bebida e dinheiro pra...

ROBERTO - Tá eu já sei, é voce.

Júlia - Então se sou eu que trabalho...

ROBERTO - Se é que o que voce faz pode se chamar de trabalho.

Júlia - Pelo menos eu trago dinheiro para casa. E sou eu que sei quanto a conta se coloca portanto sou eu quem decido as coisas aqui dentro. O Pedro chegou do interior e precisa alugar um quarto pra dormir, e aqui eu sou. E tem um quarto esbalar e ele vai ficar a pronto.

ROBERTO - (ao Pedro) Voce chegou quando do interior?

PIREO - Tá com três dias, eu tava num hotel.

ROBERTO - Ah! Sei. (a Júlia) Como frequa toda Júlia?

Júlia - Tá pra inferno!

PIREO - É que ele disse?

Júlia - Disse que sempre curia frequa pra porta. (sai)

PIEDRO - (desconfiado) Ah bom...

ROBERTO - Bom, já que você vai ficar, é melhor entrar logo de uma vez não é?

PIEDRO - Se o senhor acha...(tímido)

ROBERTO - Acho sim.

PIEDRO - Então eu entro. (se abotoa para pagar a mala)

ROBERTO - Não, não. Pode deixar que eu levo sua mala.

PIEDRO - Mas não precisa.

ROBERTO - (gracioso) Precisa sim, eu faço questão.

PIEDRO - Bom, se o senhor faz questão...

ROBERTO - Faça sim. Não, mas que mala bonita.

PIEDRO - O senhor acha?

ROBERTO - Se acha? É claro! É ainda de bonita, ela também é chique. Tem de se ter pago uma mala não, não é?

PIEDRO - Bom, na verdade, eu paguei uma porção de coisas.

ROBERTO - Ah, minha Santa Josefina...

PIEDRO - É que o senhor disse?

ROBERTO - Nada, nada. Mas quer dizer que você pagou um bocado de coisas na mala?

PIEDRO - É, o senhor acha que não se vêem?

ROBERTO - (surpreso) Não!! Afinal, uma mala chique dessa...

PIEDRO - É...(fica calado tímido)

ROBERTO - Tá um calor hoje, você não acha?

PIEDRO - É tá um fresquinho sim.

ROBERTO - Porque você não tira a casaca?

PIEDRO - Tirar a casaca? (surpreso)

ROBERTO - É tira a casaca, assim você vai ficar fresquinho, fresquinho..."

PIEDRO - Eh, que é isso que o senhor tá falando?

ROBERTO - Nada. Eu só falei pra você tirar a casaca que tá fazendo muito calor.

PIEDRO - Ah bom...(desconfiado)

ROBERTO - Vai tirar?

PIEDRO - Acho que não vai dar não.

ROBERTO - Não é pra dar não, é só pra tirar a casaca.

JÚLIA - (entrando) Que está acontecendo?

ROBERTO - Nada meu bem, (innocente) Eu só estava querendo acomodar o nosso hospede...

PIEDRO - É...Eu acho que sim dona Júlia. O senhor Roberto é um homem muito bom.

JÚLIA - O que? Bem! Pra mim isso é novidade.

ROBERTO - Ora meu bem, não seja maliciosa...

JÚLIA - Eu tá ouvindo de outros carterais Roberto. Então a coisa é diferente, e você não disse.

ROBERTO - Eu sei querida, não precisa se preocupar, que eu não vou fazer mal ao seu querido não. Pode ficar tranquila.

JÚLIA - Eu acho bem mesmo...(ao Pedro) Tamo Pedro, que eu vou te mostrar o seu quarto, o banheiro e o resto da casa.

ROBERTO - Vai com calma quando for mostrar o quarto, heim Júlia.

JÚLIA - Tá se dorme! (ao seu Pedro)

PIEDRO - (longo sobre Roberto)

ROBERTO - E estão meu bem, mostram a casa ao nosso "hospede"?

JÚLIA - Mostrei sim, porque?

ROBERTO - Por nada, hehehe, quanto é que o rapagão aí vai pagar?

JÚLIA - Isso não é da sua conta.

ROBERTO - Eu acho que mere aqui não é? E portanto é da minha conta também.

JÚLIA - Fala que se dá respeito, você aqui é como outros objetos qualquer.

que eu não faço fora por me trazer algumas boas recordações do passado...

ROBERTO - Lá vem você de novo com o maldito passado!

JÚLIA - O passado inacabado não é Roberto?

ROBERTO - É porque haveria de me incomodar?

JÚLIA - Talvez porque o passado vá lembrá-lo de sua falta de honestidade, de sua incomprometida e de sua decisão que nos custou tanto.

ROBERTO - Falta de honestidade teve seu pai, sua desgraça.

JÚLIA - Já começou a perder a calma também?

ROBERTO - Ora! veja se não se acorda a sério!

JÚLIA - Você continua sendo o fraco que sempre foi só Roberto? Você não consegue manter uma conversa realista sem perder a paciência e apelar.

ROBERTO - Não é a realidade que me faz perder a paciência, é sim o modo que você tem de querer mostrar esta pretensa realidade.

JÚLIA - Pretensa?

ROBERTO - É claro! Essa história de falta de honestidade, você já sentiu nas próprias carnes que é falsa e não sabe que tanta história algo que tenha nos custado tanto nada!

JÚLIA - Não nos custou tanto assim Roberto? É a vida que eu levo agora, não significa nada? Todas as projetos que nós fizemos juntos desde que começamos viverem juntos... De países mais avançados a mais ruins e antigos das profissões. Você... Você que era um homem trabalhador, confiante no futuro, tornou-se um inútil.

ROBERTO - Inútil não! Eu simplesmente me cansei de trabalhar por nada. Sofrer tanto pra quê? Futuro... O futuro não existe, o que existe é a luta por ele hoje de cada dia, e esta luta me cansa.

JÚLIA - E você não acha que todos estes anos foram mais do que suficientes para que você descançasse?

ROBERTO - (sarcástico) É até que dava realmente para descançar, mas depois de tanto tempo descançando, agora eu preciso tirar férias do cansaço de ficar à toa.

JÚLIA - E com isso, eu sou obrigada a me virar para cuidar da casa fazendo o que faço...

ROBERTO - Qual é Júlia, antes de eu ter parado de trabalhar você já tinha entrado nessa vida que leva. Entrou nessa por que gosta.

JÚLIA - (pensativa) Sim...!

CELA - (luz sobre Pedro e Roberto)

PEDRO - O cara, está a falar?

ROBERTO - Barata aqui é barata, você não acha que tá abusando não?

PEDRO - Tá se não muda de assunto e vai saltando logo o tabaco, está a falar?

ROBERTO - No primeiro lugar, meu nome não é cara, eu segundo eu não contengo nenhuma fufa.

PEDRO - Qual é cara? Vai querê aí uma de tou de toua pra cima de mim, vai?

ROBERTO - Eu não estou querendo dar uma de tou de toua pra cima de ninguém e já disse que meu nome não é cara e que eu não contengo nenhuma fufa.

PEDRO - Tá legal é Bettine, já que você insiste eu te chamo pelo nome, e quanto a não contengo nenhuma fufa, está você é o único que não contengo, porque o resto da vizinhança contengo, e não é só fufa não, é "fufa-toua-ty toua".

ROBERTO - Vai com calma Pedro, vai com calma, pelo que eu sei, ninguém tem o direito de falar aqui dentro desse jeito não. E caso você também queixido, e como desse barbaço aqui ainda eu eu, e eu sei respeito!

PEDRO - Já tá que gracinha! Quer dizer que o Bettine exige respeito de mim que estou "tor-re-re-re" (agressivo) Barata aqui é "fufara", quer nega da boca sua não é você, não eu. Quer saber quem aqui é a fufa. Você não

passa de um papulão que só sabe ficar aí dias e dias seguidos sem fazer nada, a deixar veria que voce faz é ler jornais que compra com o dinheiro que a Japa te dá, fuma cigarros que ela tira pra voce...Pra dizer a verdade, eu não sei porque ela aguenta a tua cara. Se fosse eu já tinha te posto pra fora a muito tempo, voce não passa de um inútil.

ROBERTO - Acontece que eu sou o marido dela, e quanto à inutilidade, eu não sei qual de nós dois é o mais inútil, ela me sustenta, mas pelo amor eu sou o marido dela...

PEDRO - O problema, voce não passa de marido dela, enquanto que eu sou o homem dela, porque a diferença?

ROBERTO - "Eu sou o homem dela"...Que homem que nada! O que é que voce em - tende por homemhein calpira?

PEDRO - Calpira não!

ROBERTO - Calpira sim, "Playboy novido a pilha", é o que voce é. O que voce passa seu tempo. Acha que por ter aprendido mais coisa de girias, e ter pago certa gringa de malandro, já pode se considerar grande coisa? Voce não sabe nada, é ainda aquela bobalhão que se aborrece ao ver próximo com mais de dois dólares.

PEDRO - Tá querendo me enrolar com o quê?

ROBERTO - Não, eu só estou falando a verdade. E voce não se responde. Que é que voce entende por ser homem?

-Pra qualquer um sabe o que é ser homem. Homem é...é...Pra, é ser sobre tudo como eu, e não um bala-corda igual a voce.

ROBERTO - Tá vendo como voce não sabe de nada, é moleção crescido. Isto que voce falou, é ser macho. E macho, os machos, galos, cachorros também são, e sem por isso são homens. Ser homem é muita mais complexa do que ser simplesmente macho. Ser homem é ser humano, é vir de felicidade por ver eu tira pessoa feliz, é chorar com a infelicidade. E ainda que se contrário do que se afirma, homem que é "homem", também chora. É lutar pelo que se atingiu na vida...

PEDRO - Olha só quem fala...até parece que voce é um exemplo do que tá dizendo.

ROBERTO - Voce tem razão, ainda, eu acho que, sem afear, desde que entrou por aquela porta, não disse nada mais honesto. Entretanto, apesar de eu, com toda a sinceridade, não gostar de voce, acho que me serviu pra alguma coisa pra que eu pudesse te dar um conselho, e de repente perceber que este conselho serviria mais para mim do que pra voce. Afinal, voce ainda é jovem, inconsequente, e foi pago no mais de uma tempestade conjugal que nada ti - nha de certo. Agora eu e a Jília...Bem bem, quanto estúpido, quanto infelicidade...Pedro, conversando sério, sem agressividade, quando voce veio do interior, veio pra fazer o quê?

PEDRO - Bem, eu vim pra tentar subir na vida.

ROBERTO - E voce considera subir na vida, viver da forma que está vivendo?

PEDRO - Pra dizer a verdade, pensando bem, não. Eu acho que simplesmente me enrolei.

ROBERTO - Pedro, eu me transformei no farrapo humano que voce conhece, por barba. Mas voce não nega. Tá a lutar! Não veio para subir na vida? Fala! Esta noite lemb que está fraguando o seu ser, e tá batalhar pelo seu espaço para parecer um chorão um calborda como eu quero dar conselhos, mas eu te garanto, estes conselhos são também para mim, e eu vou tentar recompor a minha vida. Minha esposa, a quanto tempo não faço sexo, vai deixar de ser a "Japa boba-corda", e voltará a ser Jília viva, não é como de fund - lia fina, mas é limpa. E eu vou deixar de ser o vagabundo de hoje, pra ser um homem de verdade, e não apenas um macho como já fui. E pra isso, eu só te pago uma coisa, siga o meu conselho. Dê uma chance a si próprio, e a

ela, para uma nova vida. Arraste tudo consigo e vá embora antes que a Jília
chegue e as coisas fiquem mais difíceis. (Pedro fica um instante pensati-
vo, depois vai para dentro arrumar as coisas. Roberto permanece em casa.)
PEDRO-(voltando) É mais como chegar, então eu acho que não teria lógica -
querer reconhecer.

JÍLIA - (chegando e ela sorri) O que está acontecendo?

PEDRO - Já sei Roberto, boa noite.

ROBERTO - Ah não.